

## Editorial

É com muita satisfação que os Cadernos de Gênero e Tecnologia (CGT) publica mais um número. É mais um passo na trajetória desta publicação que tem por objetivo dar visibilidade a estudos sobre gênero e tecnologia produzidos no âmbito nacional e internacional e, desta forma, se constituir em um espaço para a exposição e debate sobre temas relevantes para a sociedade.

Em tempos que vemos manifestações reacionárias que objetivam desvalorizar e deslegitimar nossas pesquisas, nosso campo de estudos e de luta, momento que os direitos das minorias, de modo especial das mulheres, da população LGBT e da população negra estão sendo atacados e retirados é importante que se construa e consolide espaços de resistência. A publicação Cadernos de Gênero e Tecnologia pode se constituir em um desses espaços e é para isso que trabalhamos e contamos com a colaboração de nossas/os parceiras/os.

Este número aborda temas diversificados demonstrando que o gênero perpassa pelos diversos setores da sociedade e é, por natureza, interdisciplinar. Desta forma, 5 artigos e 1 entrevista compõe o número 35 dos CGT.

No primeiro artigo intitulado *O que você já deixou de fazer por ser mulher? Relato de uma experiência* o/as autor/as Michel Alves Ferreira, Talita Ketlyn Costa Cabral Paringer e Lindamir Salete Casagrande apresentam o relato acerca do resultado de uma intervenção realizada na UTFPR por ocasião do *II Mês da Mulher na UTFPR: mulheres vencendo desafios* realizado na UTFPR campus Curitiba no mês de março de 2016.

O artigo aborda a organização da atividade, os impactos, os depoimentos de mulheres da UTFPR e a impressão da equipe que organizou a intervenção. Destaca-se que a intervenção chamou a atenção dos/as estudantes, docentes e funcionários/as, de modo especial, das mulheres que viram ali um espaço para se manifestarem. O/as autor/as conclui que a intervenção

[...]evidenciou que as mulheres precisam e querem espaços nos quais possam se manifestar livremente, falar sobre o que as oprime. Evidenciou que ao longo da vida as estudantes, funcionárias, servidoras e demais mulheres que transitaram pela UTFPR no mês de março de 2016 sofreram micro violências ao longo de suas vidas.

O que denota que atividades como a apresentada neste relato são relevantes para contribuir para a construção de tais espaço e denunciarem as violências que perpassam suas vidas.

O segundo artigo de autoria de Andrea Maila Voss Kominek, Gilson Leandro Queluz e Ivo Pereira de Queiroz, que se intitula *Mulheres argelinas revolucionárias e mulheres negras brasileiras universitárias: aproximações emancipadoras* tem por objetivo “[...] comparar e analisar a semelhança entre as ações das mulheres argelinas revolucionárias e das estudantes negras universitárias quanto ao seu potencial emancipador e ao impacto em suas respectivas sociedades”. A/os autora/es se propõe a fazer um paralelo entre a atuação, desafios e conquistas

destes dois grupos de mulheres que, embora vivam em ambiente, cultura e realidades distintas, podem ter vivenciado situações semelhantes.

A/os autora/es questionam “Qual seria então a aproximação possível entre as argelinas revolucionárias apresentadas por Fanon (1975) e as mulheres negras universitárias brasileiras?” e apresentam como resposta que “Pode-se afirmar que ambas representam uma ruptura do status quo de suas respectivas sociedades e ambas lutam por seu reconhecimento e garantia da própria individualidade.” Concluem o artigo afirmando que as acadêmicas negras se constituem em um novo grupo revolucionário e afirmam que “[...] ao lutarem por seus espaços, em suas próprias realidades e vida, acabam por influenciar e transformar a realidade que as circundam.”

A terceira contribuição é feita pelas pesquisadoras Tânia Gracieli Vega Incerti, Ana Maria de Carvalho e Lindamir Salete Casagrande com o artigo intitulado *As mulheres docentes do IFPR e a questão de gênero: protagonistas ou coadjuvantes no processo formativo dos cursos técnicos?*. Este artigo tem por objetivo “conhecer o *lôcus* das mulheres docentes do Instituto Federal do Paraná (IFPR) - *Campus Curitiba*, buscando identificar se os papéis que elas desenvolvem no processo de ensino e aprendizagem são de protagonistas no ensino dos cursos técnicos.” A pesquisa foi feita com base em dados documentais sobre o corpo docente, as coordenações de curso e cargos de chefia daquele instituto.

As autoras concluem que a disparidade do corpo docente é pequena; as coordenações de curso são ocupadas por um número maior de mulheres do que de homens, porém os cargos de chefia são de predominância masculina. As autoras finalizam o artigo afirmando que:

[...]acreditamos que o desafio para a academia [...] é trazer a reflexão de quais possibilidades para extinguir a disparidade entre homens e mulheres nos campos de trabalho nas ciências, bem como as possibilidades para que essas tenham as mesmas condições que os homens de exercer cargos de poder.

Na sequência apresentamos o artigo da autora mexicana Lourdes C. Pacheco Ladrón de Guevara intitulado *¿Quiénes somos nosotras? Aspectos fronterizos del feminismo en realidades Latino-Americanas* cujo objetivo é “mostrar os limites das categorias com a finalidade de avançar nos estudos a partir de contextos históricos específicos que permitam estabelecer novas conexões entre a teoria e as realidades das mulheres latinoamericanas”. A autora traz uma reflexão sobre o feminismo e as mulheres originárias da América Latina. Ela argumenta que o feminismo deixou descoberta “la necesaria intersección entre el feminismo, el género y la etnia, al menos en las discusiones sobre los derechos de las mujeres de los pueblos originarios”. A autora nos convida a refletir sobre o papel do feminismo e nos faz questionar sobre que mulher os estudos feministas lançam seus olhos. A autora conclui que

El feminismo y los estudios de género están en deuda con las realidades de las mujeres afrodescendientes y de los pueblos originarios de América Latina puesto que las condiciones históricas em que han existido deben tomarse en cuenta dentro de las teorizaciones feministas y de estudios de género.

Sanar esta dívida é o convite que a autora nos faz. O último artigo deste número é de autoria de Reinaldo Kovalski de Araujo e Vanessa Ukan Alexandre e se intitula *Gênero e esporte: quebrando estereótipos nas aulas de educação física*. Neste artigo apresenta-se os resultados de uma atividade realizada com estudantes de uma escola pública da rede estadual de educação que objetivava desconstruir tabus sobre a participação de homens e mulheres nos esportes. A descrição da atividade feita neste artigo evidencia que, mesmo com poucos recursos financeiros e de pessoal é possível desenvolver atividades que levem os/as estudantes a refletir sobre padrões que são socialmente construídos como naturais de um sexo ou de outro. A atividade foi proposta por uma professora de educação física como trabalho de conclusão do curso de especialização *Gênero e Diversidade na Escola* e, pelo resultado aqui relatado, evidencia a importância de cursos desta natureza para a formação de professores/as sobre a temática.

Finalizando este número trazemos a entrevista com a antropóloga e professora aposentada da Universidade Federal da Bahia (UFBA) Dra. Cecília Maria Bacellar Sardenberg na qual ela gentilmente atendeu ao pedido dos CGT e nos falou sobre sua trajetória pessoal e profissional, bem como, faz uma reflexão acerca do movimento feminista no Brasil. Sua ampla experiência acadêmica e de luta pelos direitos das mulheres se faz presente nesta entrevista. Também convidamos Cecília a falar sobre Gênero e Ciência no Brasil. Suas argumentações riquíssimas fecham este número dos Cadernos de Gênero e Tecnologia.

Desta forma se constitui o CGT número 35. Nele apresentamos relatos de experiência, estudos que versam sobre minorias que, muitas vezes, ficam à margem dos estudos acadêmicos, bem como reflexões sobre a participação das mulheres em ambientes de educação tecnológica. Os cinco artigos e a entrevista aqui apresentada evidenciam que os estudos de gênero podem ser desenvolvidos sob múltiplos olhares e ter como *lócus* os mais diversos ambientes. As escolas e universidades são espaços nos quais as questões de gênero se manifestam de forma intensa e precisam um olhar cuidadoso e preocupado com a promoção da equidade e com a quebra de tabus. Desejamos a todas e todos uma ótima leitura.

Lindamir Salete Casagrande  
Nanci Stancki da Luz  
Coordenação Editorial dos CGT